

AQUELE INSTANTE DE FELICIDADE

FEDERICO MOCCIA

AQUELE INSTANTE
DE FELICIDADE

Tradução de
ROSSANA APPOLLONI



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2015

Um dia. Um dia tudo isto terá passado.

Não, não era assim. Pronto, agora já me lembro: «Um dia só vai ficar uma migalha disto tudo.»

Ou pelo menos era uma coisa deste género. Foi o que o meu pai me disse, a sorrir para mim, naquela cama de hospital, piscando-me o olho, dando-me força, convencendo-me a não me preocupar, que tudo se iria resolver. Mas não foi isso que aconteceu. No dia seguinte, no hospital, ele já lá não estava. Já não estava no mundo. Já cá não está agora, onde quer que eu procure por ele. É isso, é como se eu saísse de casa e andasse por Roma inteira e fosse mais além, até Milão, Turim, e depois França e ainda mais longe, à Tailândia, à Malásia, sei lá, mas dantes sabia que, de alguma maneira, o poderia encontrar. Agora não. Já cá não está. Já não está nesta terra. Só espero que pelo menos Deus exista, senão esta vida é mesmo uma aldrabice. Uma piada genial do meu pai? Esta: «A vida é uma doença mortal.» Outra que me fez rir imenso? «O Alzheimer tem um lado positivo: todos os dias parece que fazemos imensos amigos novos.»

Cada dia. O meu pai fez-me sempre sentir a importância de «cada dia». Cada dia é diferente, cada dia conta, é único, mesmo se às vezes nós não temos isso em conta.

Às vezes vivemos tão distraídos, sei lá, que é como se aquele dia não nos parecesse importante. Mas afinal, em cada dia, tudo pode mudar, pode ser aquele o novo dia. Hoje, por exemplo, sinto que é um dia importante.

«Tenho de falar contigo.»

Quando liguei o telemóvel esta manhã só tinha isto escrito. Não «bom dia, amor», não «bom diiiiiiiiia», como às vezes me escreve a Ale com o seu entusiasmo. A Ale é a Alessia, a minha namorada. Andamos juntos há um ano e hoje faz anos. Faz vinte. Lá está ela, vi o seu carro, um *Mini* azul-escuro último modelo, daqueles grandes, com os pneus grandes, o velho *vintage* que hoje está na moda, aquele que «só» custa uns quarenta mil euros, mas ela pode dar-se a esse luxo.

Está estacionado no parque da Piazza Giuochi Delfici, em frente do monumento. Algumas mães estão ali a passear com as suas crianças. Uma *baby-sitter* manda SMS enquanto o menino de quem devia estar a tomar conta cai no chão. Não o apanha. Não se preocupa minimamente, não é seu. Levanta o olhar, vê-o, mas deixa-o ali, até porque não se aleijou, levantar-se-á sozinho, e continua a escrever como se nada fosse.

A Alessia está sentada no banco, folheia rapidamente o jornal de modo quase frenético e nunca percebe se, desta maneira, consegue verdadeiramente ler e perceber, mas ela é assim. Os cabelos castanho-escuros caem-lhe pelo rosto. Está sentada nas costas do banco e as suas longas pernas estão apoiadas onde seria natural sentar-se. Nela, nada me parece natural. Mas eu ainda gosto dela, muitíssimo, como no primeiro dia, mais ainda. Como todos os dias.

– Ale! – chamo por ela.

Procura por mim, depois vê-me ao longe, então levanta o queixo como quem diz «Sim, já te vi». Fecha o jornal, dobra-o e apoia-o no banco. Mas não sorri.

– Olá. Parabéns, amor!

Damos um beijo rápido. Demasiado rápido para mim. Ela afasta-se logo. Está fria.

Tento não pensar nisso.

– Toma... Este é o teu presente.

Dou-lhe o saco e a Ale parece surpreendida, apesar de hoje ser o seu aniversário e portanto ser normal que eu lhe tenha trazido um presente. A Alessia tira-o do saco e desembulha-o lentamente, em silêncio, sem olhar para mim. Se calhar está chateada porque não lhe enviei uma mensagem ontem à noite assim que passou a meia-noite e só o fiz esta manhã; ela queria sempre este tipo de atenções, continuamente. Se calhar é só uma impressão minha. Agora acelera. Tira o papel todo. Pronto, abre-o e sorri, mas só por instantes.

– Gostas?

Põe o *Moncler* sobre os ombros mas não diz nada.

– É o último modelo, aquele técnico, ligeiro. Experimenta, vê se te fica bem.

Veste-o, fica-lhe perfeito.

– Vê lá como é que ficas com as mãos nos bolsos.

Como imaginava, enfia primeiro a mão direita e encontra logo o pequeno embrulho. É uma surpresa. Tira-o, vira-o entre as mãos, olha para ele como se nunca tivesse visto nenhum antes, mas não sorri, não levanta a cabeça, não olha para mim. E eu fico em silêncio. Começa a desembulhá-lo lentamente. Depois, deixa cair o papel no chão e fica a olhar fixamente assim, com aquilo entre as mãos, sem dizer nada. O que eu lhe ofereci é uma parvoíce, mas foi de propósito. Uma bola com neve lá dentro e um pequeno boneco que segura uma tabuleta na mão a dizer «Amo-te». É uma daquelas parvoíces que na verdade se fazem quando não se consegue fazer as coisas a sério. Nunca fui capaz de lho dizer. Amo-te. Uma vez estava para lho gritar. Estávamos à porta da sua casa e ela, de repente, apercebeu-se.

– O que é que foi? O que é que se passa? – perguntou-me.

– Nada – respondi assim, «nada». Não lhe disse, não tive coragem. Namoramos há já um ano e não lhe consegui dizer nem sequer uma vez. A Alessia pega na bola e vira-a, abana-a um bocadinho. A neve lá dentro cai em cima do boneco com a tabuleta na mão e ela começa a chorar em silêncio. Lágrimas enormes escorrem-lhe lentamente e ela fica assim, cabisbaixa, e, embora sejam encobertas pelos cabelos, eu vejo-as. Deslizam pelo rosto uma após a outra, os seus lábios tremem, não diz nada, tem os braços descaídos. Sinto que vou morrer, sinto aquele enorme sofrimento de quando se provoca dor a alguém, ainda por cima a alguém a quem jamais se queria provocar.

– Olha que é uma brincadeira, era para rires, o verdadeiro presente não é esse.

A sorrir, procuro em vão as palavras, mas não servem de nada. Não perco o entusiasmo.

– Vê no outro bolso!

Pronto, essa parece-me a única solução. A Alessia põe a outra mão no bolso esquerdo e tira um embrulho. É pequeno e tem em cima o nome do joalheiro: Villani. Mas ela continua sem sorrir. Desembrulha-o e depois abre a caixa.

– É da cor dos teus olhos.

Olha para aqueles brincos azuis, mas só por um instante. Volta a fechar a caixa e, finalmente, levanta o rosto. É a primeira vez que olha para mim desde que abriu os presentes. E eu fixo o meu olhar nela,

desesperadamente à procura de um sorriso. Seca os lábios com o dorso das mãos. Depois põe tudo no saco. Olha para mim uma última vez. E finalmente esboça um meio-sorriso.

– Desculpa...

E vai-se embora. E então, naquele instante, eu lembro-me perfeitamente da frase.

«Chora, medita e vive; um dia longínquo/ quando estiveres no cimo do teu futuro/ este orgulhoso furacão/ vai-te parecer uma nuvem.»

Esta foi a última frase do meu pai. É de Arrigo Boito, que ainda por cima citei no exame final do secundário, no meu minensaio sobre o movimento Scapigliatura, e por isso lembro-me de quem a disse. Com esta frase me deixou. E hoje foi-se embora a Alessia. Mas talvez seja só por um momento, talvez volte atrás, se calhar está chateada porque não lhe mandei uma mensagem ontem à meia-noite. Ou se calhar não está chateada, se calhar está feliz e até tem outro. É tudo um se calhar. Uma coisa é certa, aliás, duas: estou mal, e a outra certeza é que ela não me deixou nenhuma frase, só me disse «Desculpa...». E foi-se embora assim.

– Bom dia.

A Ilaria De Luca sorriu-me, uma bela senhora, terá uns cinquenta anos. Veste-se de modo clássico, mas, pela maneira como se move e como anda, não parece nada velha.

– O que vai levar hoje?

Pega no *Repubblica*, depois na *Dove* e põe-mos à frente. Fica por um instante em silêncio, com um sorriso de embaraço, como se tivesse alguma coisa para me dizer mas não conseguisse. Finjo não notar, pego nos seus dez euros, faço rapidamente a conta e dou-lhe o troco.

– Aqui está, bom dia...

Fica ainda por uns momentos no quiosque, como se de repente se tivesse lembrado de qualquer coisa, como se procurasse a vontade, a coragem para falar. Mas depois muda de ideias.

– Sim, obrigada, igualmente.

Pega nos jornais, dobra-os e põe-nos na mala. Olho para ela a afastar-se. Anda lentamente, tem um belo traseiro, fico a observá-la enquanto me perco nos meus pensamentos.

«Desculpa...» A Alessia pediu-me desculpa. Desculpa. Mas o que é que pode significar «desculpa»? Desculpa, mas não gostei do teu presente. Desculpa, mas tenho um problema. Desculpa, mas preciso de estar sozinha. Desculpa, mas agora amo outra pessoa. Desculpa... mas, estás a gozar? Isto não é possível. E, num instante, a vida passa-me à frente dos olhos. Dizem que é assim que acontece quando alguém morre. Mas nós não estamos mortos, pois não, Alessia? Não acabou, diz-me que não acabou. Olho para o telemóvel. Nenhuma mensagem.

– Bom dia, Nicco, *Il Tempo*, se faz favor.

Edoardo Salemi, o proprietário do restaurante do Corso Francia, onde de vez em quando vou comer qualquer coisa e ainda me faz um desconto. Dou-lhe o jornal e desaparece num instante. Sim. Sou vendedor de jornais. Dantes estava o meu pai aqui no quiosque, de vez em quando escrevia artigos para jornais de pouca importância e para revistas de bairro, sempre lhe pagavam qualquer coisa. Às vezes, também desenhava uns belos *cartoons* que depois vendia, o meu pai também era bom nisso. Agora vamo-nos alternando, eu, o meu tio e o meu primo. Eu faço as manhãs e eles as tardes e as noites. De vez em quando, trocamos de turno, mas não faço só isto. Nada, nenhuma mensagem. Passou um dia e é a primeira vez em um ano que não trocamos nenhuma mensagem. Nunca tinha acontecido passar um dia sem escrevermos nada, nem que fosse a coisa mais estúpida possível. O amor é feito de coisas estúpidas, daquelas coisas que não fazem sentido, que talvez façam sorrir ou abanar a cabeça, mas que, naquele momento, se tornam lindíssimas. O amor são aquelas mensagens que não querem dizer nada, mas que dizem tudo, a que não ligamos quando chegam todos os dias, mas que se tornam uma obsessão quando começam a faltar. Se estivéssemos todos apaixonados, este mundo seria lindíssimo. Que parvoíces que estou para aqui a dizer. O amor torna-nos parvos mas bonitos, a falta dele torna-nos idiotas e destrutivos.

Sinto falta da Alessia. Sinto falta de forma exponencial, parece-me impossível, mas em cada momento que passa faz-me cada vez mais falta. Volto a olhar para o telemóvel, queria telefonar-lhe, enviar-lhe uma mensagem, ir ter com ela à porta da sua casa com um ramo de rosas vermelhas, altíssimas, que praticamente me escondem de tão altas que são. Mas nunca fiz essas coisas. Será que não fiz o suficiente? Pensei sempre nestes gestos, tive tantas ideias, e dizia sempre «um dia... Um dia farei isso tudo». Mas não fiz nada. «Um dia», na verdade, equivale a nunca. Nunca. E agora, se calhar, é demasiado tarde. A nossa vida é feita de poupanças, pensamos sempre que surgirá um momento melhor, que valerá a pena viver, que as coisas mudarão. Amanhã, esperamos sempre por um amanhã que poderá até nem chegar, como naquela tarde em que me despedi do meu pai e fui para casa.

Jantei como se nada fosse, até me lembro do que comi, presunto com mozzarella e uma salada com um pouco de tomate, e fui para a cama como se não pudesse acontecer nada, como se ainda houvesse tempo para lhe dizer alguma coisa, para lhe contar da minha história com a Alessia, que já existia há algum tempo. Como se ainda me pudesse

desculpar de todas as vezes que tinha sido estúpido, rebelde, imaturo, de todas aquelas vezes que não soube ouvi-lo a sério. Quando lhe disse: «Vai-te lixar, só dizes parvoíces...» Mas era porque gostava de contrariá-lo a todo o custo, só porque sim, porque era fixe e pronto. Na verdade, há muitas coisas em que nem sequer pensava, pelo menos é o que me parece.

Entra o Bruno, o homem da bomba de gasolina, não cumprimenta, não diz nada, como de costume, pega no *Porta Portese*, o jornal só de classificados, mete o dinheiro no pratinho e sai. Ponho-o na caixa. Ele é assim, mas eu estou-me nas tintas. Quando se está mal, consegue-se dar o peso certo às coisas e, de facto, dá-me vontade de rir. Por que raios comprará o *Porta Portese* todas as semanas? Do que será que anda à procura? Está sempre ali, com a mesma camisa há anos, com o mesmo casaco cinzento de gasolineheiro e com os mesmos sapatos. Efetivamente, se pensarmos bem, nós somos animais de hábitos repetitivos. Estar mal faz-me, de certa forma, ver melhor a realidade, faz-me relativizar, faz-me ver as coisas ridículas desta vida. E tudo me parece dramaticamente ridículo. Menos ela. O que estará a fazer agora? Onde estará? São onze e meia. Estará em casa, terá acordado, sim, há bastante tempo, se ontem à noite não foi para a cama tarde. E se foi para a cama tarde? Porque pode ter ido para a cama tarde, ou não? Terá estado com as amigas? Sim, de certeza que estive com as amigas, a Laura e a Silvia. Falaram de mim. Perguntaram-lhe. Não, só se saíram com os namorados delas. Terão perguntado: «E o Nicco? Onde é que ele anda?» E ela, esperta como é, terá arranjado uma desculpa. «O Nicco tinha coisas para fazer... Saiu com os amigos, tinha um jogo de futebol.» Depois paro e, de repente, passa-me uma coisa pela cabeça: «Não, elas sabem.» As amigas sabem sempre tudo. Cada vez que se encontra a amiga ou o amigo de alguém, pensa-se: «Pronto, ele sabe... ele sabe tudo.» Eu não sei o que é que ele sabe, mas ele sabe qual é a verdade. A verdadeira verdade. A última verdade, a versão mais sincera. Queria pegar na Laura e na Silvia e interrogá-las separadamente ou então torturá-las tipo *Saw – Enigma Mortal I, II, III, IV e V* (ou será que também houve o VI?) e ver se as versões delas batem certo. Obrigá-las a falar. Mesmo que, às vezes, seja melhor não saber.

«Não procures a verdade. Às vezes não serve para nada.»

Foi o que o meu pai me disse uma vez a caminho de um jogo de futebol. Fiquei calado. Não sei bem o que é que queria dizer aquela frase, mas ficou-me gravada. A coisa gira é que nunca soube nada deles, dos meus pais, se alguma vez se separaram, se alguma vez se traíram e se depois se

perdoaram. Só os vi assim: a amarem-se. E depois ele deixou-a para sempre, mas sem querer, e é como se não a tivesse deixado nunca e esta é a coisa mais bonita. Finalmente uma mensagem.

«*Já soube, tenho imensa pena. Já aí passo.*» Pronto, exatamente o que eu não queria.